

BIENALSUR 2023



Dias & Riedweg, *Silence* 2021

SIGNOS NA PAISAGEM

Primeira exposição da BIENALSUR 2023 no Brasil acontece no CCBB Brasília, com trabalhos que propõem a necessidade de uma reflexão sobre como o planeta vem sendo modificado. A mostra, que reúne obras de artistas do Brasil, Argentina, Uruguai, Espanha, França e Arábia Saudita, aumenta a rede colaborativa da BIENALSUR no Brasil: as unidades do CCBB Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro somam-se à Fundação Getúlio Vargas (RJ) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O evento cultural mais extenso do mundo ocorre em 28 países e mais de 70 cidades ao redor do mundo, nos cinco continentes

Fiel ao objetivo de ser uma bienal diferente – descentralizada, democrática, horizontal e humanista, que aborda os temas do mundo de hoje –, a BIENALSUR 2023 segue reivindicando o direito à cultura e à diversidade, com exposições e ações focadas em questões ambientais, perspectiva de gênero, construção de narrativas, “fake news” e democracia.

“Uma das premissas do trabalho da BIENALSUR é sondar o cenário artístico internacional por meio de uma convocação aberta, gratuita e horizontal, realizada a cada edição. Desta convocatória surgem os principais temas sobre os quais trabalhamos, bem como projetos de artistas de diferentes áreas culturais, que são selecionados para integrar as exposições e intervenções re-

Rochelle Costi, *série Casa & Jardim*, 2020 / 2021





Gabriela Golder, *still* do vídeo *Scorched Earth*, 2015

alizadas simultaneamente ao redor do mundo”, explica Diana Wechsler, Diretora Artística da BIENALSUR.

Signos na Paisagem, primeira exposição dessa edição no Brasil, reúne obras de Rochelle Costi e Dias & Riedweg (BRA); Gabriela Golder e Matilde Marín (ARG); Stephanie Pommeret (FRA); Silvia Alejandra González Soca (URY); Gabriela Bettini (ESP); Sara Abdu, Zhara Al Ghamdi, Manal Aldowayan e Hatem Al Ahmad (SAU). Os trabalhos problematizam a experiência de vida contemporânea e têm como chave, em sua maioria, a questão do meio ambiente.

“De diferentes maneiras, nosso olhar sobre o ambiente natural – antes identificado entre as disciplinas artísticas convencionais simplesmente como paisagem – é ur-

gente e exige atenção. Há séculos sabemos que as sociedades humanas vêm modificando a natureza por meio da extração de recursos, o que gera um grande impacto no planeta”, afirma Diana Wechsler.

Em paralelo, Aníbal Jozami, Diretor Geral da BIENALSUR salienta que *“em diálogo com essas questões, a memória de formas recentes – ou não tão recentes – de autoritarismo ressoa nas reflexões dos artistas como um alerta e um convite à construção de um humanismo contemporâneo que acolha as diversidades e seja inclusivo, democrático e ambientalmente consciente”.*

Água, ar, terra, fogo, – os quatro elementos – estão presentes no espaço através dos seus sons, da singularidade dos seus movimentos e das suas formas. O ter-

ritório está presente no fluxo de olhares de artistas de diferentes origens sobre um cenário natural que resiste, luta, renasce...

A EXPOSIÇÃO, por Diana Wechsler

A observação do ambiente durante o período de isolamento social, entre 2020 e 2021, em meio à pandemia, foi o gatilho para a criação a série *Casa & Jardim*, de **Rochelle Costi** (BRA). As fotos de Jardim, selecionadas para esta exposição, registram os insetos encontrados na área externa de sua casa/ateliê. A obra não resulta apenas da observação, mas da provocação da artista ao incorporar placas plásticas com relevo à "paisagem" do jardim doméstico: ao construir uma topografia para imitar a natureza, Rochelle causa atração e estranhamento aos insetos, alterando seus comportamentos habituais. A série mostra o contraponto que a comunidade global sofria naqueles tempos em que cotidianos e paisagens eram alterados.

Numa estreita linha de reflexão, o trabalho de **Dias & Riedweg** (BRA), *Silence* – uma série de 16 fotografias digitais – observa os vestígios no meio urbano e opta por um tratamento formal das fotos em que se retiram

volume e cor, restando apenas as linhas, aproximando-se da imagem de uma água-forte. Essa estratégia escolhida para desafiar o olhar é um convite a descobrir, através dos pequenos detalhes, a anomalia, o estranho, o que é estranho a uma narrativa visual convencional. Com estas imagens captadas em 2020, observa-se a questão do risco latente e o alerta de que algo se perdeu.

Mas os vestígios e as perdas atravessam outros trabalhos e vão além dos períodos de estranhamento dos últimos anos. Em *Scorched Earth*, vídeo feito no Cerro Mariposa (Valparaíso, Chile), **Gabriela Golder** (ARG) exhibe a área devastada por um incêndio, onde casas e fauna foram queimadas “*como se o mundo fosse acabar*”, aponta uma testemunha do local, que narra a tragédia: “*Às 4 da tarde de sábado, dia 12 de abril, dois pássaros pousaram em um cabo de rede elétrica. O vento, que era muito forte, sacudia aqueles cabos. Eles os eletrocutaram. Faíscas saltaram para o chão, voaram pela grama. O fogo havia começado. O vento sul fez com que ganhasse força. A terra foi queimada.*” A convivência entre as intervenções humanas e a natureza expõe suas tensões e aflora a sensação de saturação, de fim do mundo.

Matilde Marín, série *Temas sobre a paisagem*, 2010



De uma perspectiva diferente, as grandes fotografias paisagísticas de **Matilde Marín** (ARG), na sua série de *Temas sobre a paisagem*, captam a sensação de infinito experimentada naqueles espaços, criando bandas de atmosferas inesgotáveis, linhas e fugas de luz, que se tornam imagens cativantes de um momento efêmero que recupera o conceito de beleza na paisagem e seus limites. O ponto de vista escolhido pela artista é, ao mesmo tempo, sua marca registrada e a marca de sua presença latente.

Gabriela Bettini (ESP) traz para a mostra paisagens brasileiras, realizadas a partir das obras de Frans Post – pintor barroco holandês que trabalhou as paisagens do Brasil e levou-as para a Europa. A artista é conhecida por suas pinturas hiper-reais, que se aproximam da estética da fotografia de arquivo. A memória pictórica de Bettini, rica em referências visuais, resulta em obras que não apenas remetem à questão colonial, mas também às disputas identitárias que ocorreram e ocorrem nestes espaços lidos *a priori* como “paradisíacos”.



Hatem Al Ahmad (SAU), por sua vez, desenvolve em seu vídeo performance *To Speak in Synergy*, juntamente com os membros da comunidade Abha (SAU), uma prática milenar de cuidar das árvores – algo como um ritual que reconecta o tempo e as boas práticas de convivência com o ambiente natural. O artista saudita recupera uma antiga técnica de cuidado que tende a fornecer certos elementos à árvore em seus processos vitais, ao mesmo tempo em que contribui para sua proteção contra mudanças de temperatura ou alguns insetos, por exemplo. Assim, a ação artística é oferecida como uma reconexão com o meio ambiente e com a tradição. “*O prolongado senso de temporalidade da performance oferece um reconhecimento das histórias e dos corpos que fizeram e habitaram o passado, bem como a racionalidade de nossos futuros*”, diz o artista.

A questão das relações com os recursos do passado, do tempo e das formas como eles nos questionam aparece reinterpretada como uma paisagem ficcional na obra de **Zara Alghamdi** (SAU), *Echo of the past*, uma instalação com seiscentas peças de blocos de areia e argila que procura exprimir, através da recuperação de antigas técnicas de construção, o modo como o tempo afeta a existência. As fissuras visíveis nesta orografia imaginária estariam a revelar o colapso dos arquétipos tradicionais – ou, pelo menos, a colocar as tradições vernáculas ancestrais em tensão com um presente que as altera.

Gabriela Bettini,
Pernambuco, 2018
Foto: Divulgação



Hatem Al Ahmad, *still* do vídeo performance *To Speak in Synergy*, 2022



Zara Alghamdi, *Echo of the past*

Foto: Divulgação

Numa dimensão diferente, a instalação *Moebius*, de **Silvia Alejandra Gonzalez Soca** (URY), pretende “cultivar o vazio”. Nela, dois tempos de um mesmo rosto coe-xistem, para gerar uma matriz de eventos na qual a germinação e a ação performativa modificam constantemente a peça – e, portanto, as relações possíveis com ela. *Moebius*, segundo a artista, “aspira gerar um espaço quase ritual, que interroga a ideia de sujeito autoconsciente e autoconfiante, a partir de uma vulnerabilidade assumida e oferecida. Um evento cíclico e efêmero, no qual o que acontece, de alguma forma, evidencia a distância mínima entre os processos de construção e de destruição”.

Stéphanie Pommeret (FRA), em sua série de fotografias *Tous Migrants*, desenvolve uma possível síntese poética que explora as maneiras pelas quais nos relacionamos como “migrantes” com o nosso ambiente. O projeto, realizado na reserva natural da baía de Saint-Brieuc, levou-a a uma longa observação, que resultou nesta operação de apropriação das fotografias naturalistas de Alain Ponsoer. Combinadas com as suas próprias imagens, “servem para reivindicar a hospitalidade como o único ambiente que favorece o futuro de nossa espécie”, revela a artista.



Silvia Alejandra
Gonzalez Soca,
Moebius
Foto: Divulgação

Sara Abdu (SAU), em *Anatomy Of Remembrance*, oferece um conjunto de paisagens imaginárias que decorrem do seu interesse em explorar as qualidades indicativas de outros sentidos, além da visão. A partir das memórias olfativas, a artista resgata seu imediatismo para evocar uma imagem mental do passado e de suas emoções, dando origem a essas cartografias psicogeográficas suspensas, com as quais Abdu explora o lugar ou "loci" da memória dentro de nós – e evoca um ambiente particular, ao confrontar essas topografias do passado.

Manal Al Dowayan (SAU) recupera técnicas e práticas artísticas tradicionais, com as quais revela a situação atual do panorama saudita – em que as mudanças e a exploração de passados diversos andam de mãos dadas. Nas palavras da artista, trata-se de um momento de dilema. *"Agora podemos nos relacionar com nossos ancestrais pré-islâmicos e reconhecer uma conexão com os antigos egípcios, nabateus, mesopotâmicos e assírios. Antes, a narrativa sempre se concentrava no Islã. Atualmente o país enfrenta uma grande reavaliação histórica e social"*. Nesta perspectiva, nas duas



Stéphanie Pommeret
Tous Migrants



Sara Abdu, *Anatomy Of Remembrance*

Foto: Divulgação

peças da sua série *The Emerging*, recria personagens/ paisagens emergentes em corpos têxteis que, feitos com técnicas e materiais tradicionais e intervencionados com acrílico, oferecem uma perspectiva simbólica dessa tensão entre tempos em que o impacto sobre os sujeitos, corpos e paisagens tornam-se visíveis.

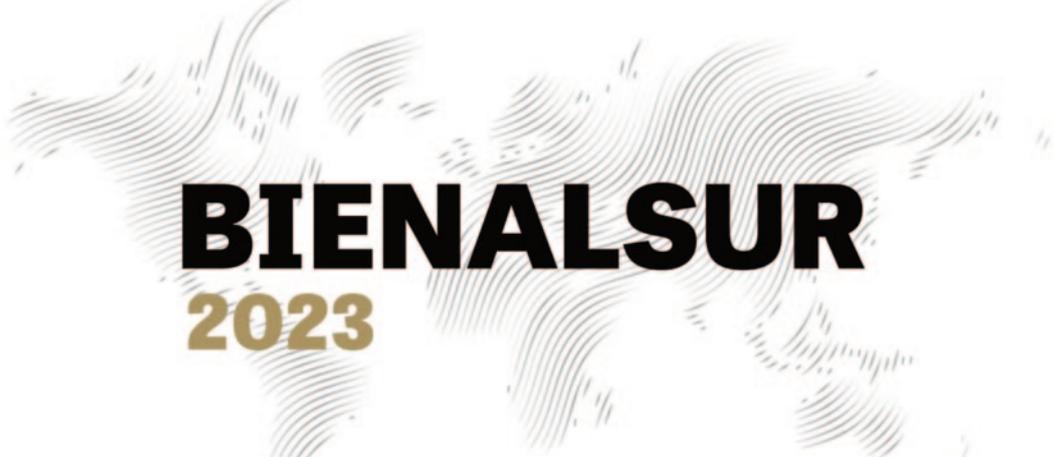
BIENALSUR

Uma ampla proposta de arte, cultura e pensamento contemporâneo que rompe com a ideia de geografia estabelecida, ao criar uma grande rede de unidades autônomas em torno do evento, que tem o quilômetro zero no Museu da Imigração, Buenos Aires, e se estende a mais de 18 mil km, até Tóquio, Japão, na Universidade Nacional de Belas Artes e Música. Criada pela Universidade Nacional

Manal Al Dowayan
The Emerging, 2022

Foto: Divulgação





BIENALSUR

2023

de Tres de Febrero (UNTREF), na capital argentina, nasceu com o propósito de buscar outras dinâmicas para a arte e para a cultura, fazendo chamadas abertas a curadores e artistas de todo o mundo, sem temas pré-determinados.

Com mostras que serão inauguradas progressivamente em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, o Brasil é um dos grandes anfitriões da 4ª BIENALSUR, o evento cultural mais longo do mundo. A exposição inaugural ocorreu em 1º de julho no MAR, Museo de Arte Contemporáneo de Buenos Aires, Argentina, e essa edição terá exposições e ações até o primeiro semestre de 2024.

No Brasil, além das unidades do CCBB Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro – com a mostra itinerante *Signos na Paisagem* – a BIENALSUR está na Fundação Getúlio Vargas, na Casa França-Brasil e no Solar dos Abacaxis, no Rio de Janeiro, e também na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Pela primeira vez, conta com a participação de Argélia, Croácia, Guatemala, Líbano, República Dominicana, Noruega, Senegal, Tunísia e Turquia, chegando a mais de 70 cidades em 28 países dos cinco continentes, com base na convicção de que a cultura é um direito.

“É a primeira vez na história que tantas comunidades se unem por meio de um evento cultural. A BIENALSUR

prova que a arte é a melhor ferramenta para superar as fronteiras políticas e identitárias que colocam em tensão as relações internacionais”, comenta Aníbal Jozami, sociólogo que idealizou a BIENALSUR junto com a historiadora e curadora Diana Wechsler. Ambos são acadêmicos – respectivamente Reitor Emérito e Vice-Reitora da Universidade Nacional de Tres de Febrero, universidade pública da Argentina.

A primeira edição do evento foi realizada em 2017, com a participação de mais de 400 artistas em pelo menos 80 espaços, em 34 cidades de 16 países. Em 2019 o mapa foi ampliado para 112 áreas em 47 cidades de 21 países; em 2021, apesar da pandemia, aconteceu em 120 locais, em 48 cidades de 24 países da América, da Ásia e da Europa. Mais de 1.800 artistas de todo o mundo participaram das três primeiras edições do evento.

SERVIÇO

Bienalsur 2023 – Exposição *Signos na Paisagem*

De 19 de setembro a 5 de novembro

CCBB Brasília

SCES, Trecho 02, Lote 22, Brasília / DF

Tel.: (61) 3108- 7600

Aberto ao público de terça-feira a domingo, das 09h às 21h

Entrada gratuita

Informações:

E-mail: ccbpdf@bb.com.br

Site: <https://cbb.com.br/brasil>